

NAS PEGADAS DOS VODUNS:

Um terreiro de tambor-de-mina em São Paulo

Reginaldo Prandi

Capítulo publicado em:

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.) — *Somavó, o amanhã nunca termina*.
São Paulo, Empório de Produção, 2005, pp. 63-94, ISBN 8588944049.

Introdução

As mais diversas modalidades das religiões afro-brasileiras, senão todas elas, podem ser encontradas na São Paulo de hoje. Provenientes das mais diferentes regiões do Brasil, onde se originaram a partir da herança cultural do escravo, essas variantes religiosas convivem e disputam entre si, e com as demais religiões da metrópole paulista, adeptos, clientes e reconhecimento social, mas a diversidade religiosa afro-brasileira em São Paulo é recente, não tendo mais que trinta anos.

A umbanda, de seu nascimento no primeiro quartel deste século até os anos 60, foi a grande e praticamente única religião afro-brasileira em São Paulo. Seu surgimento e expansão estão historicamente associados à industrialização do Sudeste e à formação das grandes cidades brasileiras no século XX, enquanto o candomblé, a partir do qual a umbanda constituiu-se em contato com o kardecismo, mantinha-se restrito aos seus territórios originais, sobretudo a Bahia e outros Estados em que é conhecido por denominações locais: o xangô em Pernambuco e o batuque no Rio Grande do Sul, além da macumba no Rio de Janeiro, estreitamente ligada ao candomblé da Bahia.

Candomblé, xangô e batuque são variantes rituais da religião dos orixás no Brasil. A religião dos orixás, divindades da cultura iorubá ou nagô, consolidou-se em território brasileiro entre os meados do século XIX e o início do século XX como expressão cultural de escravos, negros livres e seus descendentes. A umbanda também cultua os orixás, mas

seu panteão foi muito ampliado com entidades que são espíritos desencarnados, os chamados caboclos, pretos velhos, boiadeiros, baianos, marinheiros e outros.

Na década de 1960, quando a umbanda já se consolidara em São Paulo, o candomblé trazido por migrantes nordestinos foi sendo introduzido na cidade e se instalando rapidamente nesse novo território. Muitas casas de candomblé importantes de Salvador abriram filiais em São Paulo; líderes religiosos de origem baiana anteriormente estabelecidos no Rio de Janeiro mudaram-se ou passaram a permanecer em São Paulo parte do tempo. Não tardou muito para que a umbanda perdesse sua hegemonia como a religião afro-brasileira da metrópole industrial. Assim como a umbanda, que já se formou como religião universal, o candomblé no Sudeste deixou de ter o caráter de religião exclusiva de uma população de afro-descendentes, religião étnica, para vir a ser uma religião aberta a todos, não importando a origem racial (Prandi, 1991; 1996, cap. 2).

Além dos orixás, outras divindades foram trazidas da África pelos escravos: os inquices dos povos bantos, praticamente esquecidos e substituídos pelos orixás nagôs nos candomblés bantos, e os voduns originários de povos ewê-fons, de região do antigo Daomé, hoje república do Benim, designados jejes no Brasil. O culto aos voduns sobreviveu na Bahia e no Maranhão. Em Salvador e cidades do Recôncavo, a religião dos voduns é denominada candomblé jeje-mahim. No Maranhão recebeu o nome de tambor-de-mina. Na Bahia é pequeno o número de grupos de culto jeje em comparação com o número de casas de orixá. No Maranhão os voduns estão presentes em praticamente todas as casas de culto afro-brasileiro e os orixás ali cultuados nas casas de vodum são igualmente chamados de voduns, às vezes com a referência de que se trata de um vodum nagô e não jeje.

Os orixás tornaram-se bastante populares em São Paulo, como de resto em quase todo o Brasil, e sua popularidade pode ser medida por sua presença expressiva na cultura popular brasileira (incluindo literatura, teatro, cinema, telenovela, música popular, carnaval, culinária), mas os voduns são praticamente desconhecidos nessa cidade, onde mesmo os adeptos de religiões afro-brasileiras pouco sabem desses deuses tão cultuados em São Luís.

Em 1977, um jovem líder da religião dos voduns, Francelino Vasconcelos Ferreira, ou Francelino de Xapanã, como prefere ser chamado, trouxe para São Paulo o culto dos voduns tal como se constituiu em São Luís do Maranhão. Vinte e oito anos depois, a

religião dos voduns conta com a casa já bem consolidada de Pai Francelino, a Casa das Minas de Tóia Jarina (que Francelino prefere escrever Thoya Jarina) e com vários terreiros dela derivados. A religião dos voduns assim vai se espalhando por São Paulo e, de São Paulo, para paragens mais além.

Voduns do Maranhão

Em São Luís e outras cidades do Maranhão, a religião dos voduns recebeu o nome de tambor-de-mina, alusão à presença constante dos tambores nos rituais e aos escravos minas, como eram ali designados os negros sudaneses. Vários pesquisadores têm se dedicado ao estudo do tambor-de-mina, especialmente Sérgio Figueiredo Ferretti (1996), Mundicarmo Ferretti (1985) e outros autores contemporâneos, além dos precursores Octavio da Costa Eduardo (1948), Manuel Nunes Pereira (1979) e Roger Bastide (1971, v. 2, cap. 1). Trata-se de religião iniciática e sacrificial, em que os sacerdotes são ritualmente preparados para "incorporar" as divindades em transe. As entidades manifestadas, que podem ser voduns ou encantados (espíritos), vêm à terra para dançar em cerimônias públicas denominadas tambor. As entidades são assentadas (fixadas em artefatos sacros) e recebem sacrifício, com oferta de animais, comidas, bebidas e outros presentes. Segundo tradição africana que se manteve no Brasil, cada humano pertence a um vodum, sendo para ele ritualmente consagrado em cerimônias iniciáticas, como ocorre no candomblé dos orixás. O tambor-de-mina, assim como outras modalidades religiosas afro-brasileiras, apresenta forte sincretismo com o catolicismo e suas festas têm um calendário colado ao da Igreja Católica (Ferretti, 1995). No Maranhão, festas e folguedos populares de caráter profano, como o bumba-meu-boi e o tambor-de-crioula, estão muito associados ao tambor-de-mina.

Dois dos antigos terreiros de São Luís, fundados por africanas em meados do século passado, sobreviveram até os dias de hoje e constituem a matriz cultural do tambor-de-mina a Casa Grande das Minas (Kuerebentan Zomadonu) e a Casa de Nagô (Nagon Abioton).

A Casa das Minas, de cultura jeje, é um terreiro de culto exclusivo dos voduns, os deuses jejes, os quais, entretanto, hospedam alguns voduns nagôs, ou orixás, não havendo culto a encantados ou caboclos. Seu panteão é bastante numeroso e bem organizado, sendo

os voduns reunidos em famílias. Tendo alcançado enorme prestígio, a Casa das Minas encontra-se hoje em processo de extinção, pois há muitos anos não se faz iniciação de novas dançantes, ou *vodunsi*, nomes dados às devotas que incorporam os voduns em transe. As dançantes remanescentes estão reduzidas hoje a menos de meia dúzia de mulheres já idosas e mesmo elas não contam com iniciação completa. Em carta para mim, disse Sérgio Ferretti: "Há mais de 80 anos (1913 ou 1914) não se faz iniciação de vodúnsi-gonjaí. Entre as vodúnsi atuais, embora em número reduzido, há pessoas que começaram a dançar na Casa desde inícios da década de 1930 até 1950. Todas elas têm um nome africano privado que lhes foi dado por uma tobóssi. Foram portanto iniciadas como vodúnsi-he." Nenhum outro terreiro se originou diretamente dessa casa, mas sua influência no tambor-de-mina é enorme, havendo estudos detalhados sobre seus deuses e ritos, merecendo suas sacerdotisas grande respeito na sociedade local (Ferretti, 1989, 1995, 1996).

A Casa de Nagô, de origem iorubá, cultua voduns, orixás e encantados ou caboclos, que são espíritos de reis, nobres, índios, turcos etc. Desta casa originaram-se muitos terreiros, proliferando-se por toda São Luís e outras localidades da região um modelo de tambor-de-mina bastante baseado nessa concepção religiosa de culto a voduns e encantados, encantados que em muitos terreiros têm o mesmo *status* de divindade dos voduns, com eles se misturando nos ritos em pé de igualdade.

Entre outras casas de mina de São Luís, igualmente antigas, destacam-se o Terreiro do Egito (Ilê Axé Niamê) e o Terreiro de Manuel Teu Santo, os quais deram origem a cerca de vinte terreiros, multiplicados em muitos outros (Santos e Santos Neto, 1989). Do Terreiro do Egito originou-se o Terreiro de Iemanjá, que tem papel destacado na história do tambor-de-mina em São Paulo, pois seu fundador, Pai Jorge Itacy, é o pai-de-santo de Francelino de Xapanã, pelas mãos de quem os voduns do Maranhão vieram para São Paulo.

O panteão da Casa das Minas

Embora a Casa das Minas não tenha originado outras casas de culto, sua estrutura e panteão tem sido um modelo para outras casas.

Os voduns, deuses do povo fon ou jeje são forças da natureza e antepassados humanos divinizados. Os voduns cultuados na Casa das Minas estão agrupados nas famílias de Davice, Dambirá, Savaluno e Quevioçô (Ferretti, 1989, 1996).

Alguns voduns jovens chamados *toqüéns* ou *toqüenos* cumprem a função de guias, mensageiros, ajudantes dos outros voduns. São eles que "vêm" na frente e chamam os outros. Têm cerca de quinze anos de idade, podendo ser masculinos ou femininos, pertencendo a maioria à família de Davice. Nos clãs de Quevioçô e Dambirá são os voduns mais jovens que desempenham esse papel.

Além dos voduns, fazem parte do panteão da Casa das Minas as *tobóssis*, divindades infantis femininas, consideradas filhas dos voduns, recebidas pelas dançantes com iniciação plena, as chamadas *vodúnsi-gonjaí*. As princesas meninas não vêm mais na Casa das Minas. Com a morte das últimas *vodúnsi-gonjaí*, parte do processo de iniciação se perdeu, de modo que as dançantes remanescentes não tiveram iniciação no grau de *gonjaí*, de senioridade. E as *tobóssis* não vieram mais na Casa das Minas. Diferentemente dos voduns, que podem manifestar-se em diferentes adeptos, a *tobóssi*, na Casa das Minas, é considerada entidade única, exclusiva de sua *vodúnsi-gonjaí*, e que desaparece com a morte da dançante que a recebia, não se incorporando depois em mais ninguém.

Os voduns e suas famílias

Conforme estudos exaustivos de Sérgio Ferretti já citados, assim se configura o panteão dos voduns na Casa das Minas, família por família:

A Família de Davice reúne os voduns da família real do Abomey, no antigo Daomé, atual Benim, e é composta dos seguintes voduns:

Nochê Naê, Mãe Naê - a vodum mais velha e ancestral mítica do clã.

Zomadônu - o dono da Casa das Minas e chefe de uma das linhagens da família de Davice. Rei e pai dos toqüéns Toçá e Tocé (gêmeos), Jagoboroçu (Boçu) e Apoji. Zomadônu é filho de Acoicinacaba.

Acoicinacaba (Coicinacaba) - pai de Zomadônu e filho de Dadarrô.

Dadarrô - chefe da primeira linhagem da família; vodum mais velho da família de Davice. Casado com Naedona e pai de Acoicinacaba, portanto, avô de Zomadônu. É pai de Sepazim, Doçu, Bedigá, Nanim e Apojevó. Representa o governo e é protetor dos homens de dinheiro.

Naedona (Naiadona ou Naegongom) - esposa de Dadarrô e mãe de Sepazim, Doçu, Bedigá, Nanim e Apojevó.

Arronoviçavá - irmão de Naedona, é cambinda (mas considerado jeje por outras casas).

Sepazim - princesa casada com Daco-Donu, com quem teve um filho chamado Tói Daco, que é toqüém.

Daco-Donu - marido de Sepazim, pai de Daco.

Daco - filho de Sepazim e Daco-Donu. Toqüém.

Doçu (Doçu-Agajá, Maçon, Huntó ou Bogueçá) - jovem cavaleiro, boêmio, poeta, compositor e tocador. Pai dos três toqüéns Doçupé, Nochê Decé e Nochê Acuevi.

Doçupé - filho de Doçu. Toqüém.

Nochê Decé - filha de Doçu. Toqüém.

Nochê Acuevi - filha de Doçu. Toqüém.

Bedigá - também cavaleiro como o irmão Doçu. Aceitou a coroa do pai Dadarrô que Doçu tinha recusado. Protetor dos governantes, advogados e juízes.

Apojevó - filho mais novo de Dadarrô. Toqüém.

Nochê Nanim (Ananim) - filha adotiva de Dadarrô, criou Daco (neto de Dadarrô) e Apojevó (seu irmão mais novo).

Família de Savaluno. É uma família de voduns amigos da família de Davice. Não são jeje e são hóspedes na Casa das Minas.

Topa - um vodum solitário, o qual tem mais dois irmãos, Agongono e Zacá.

Zacá (Azacá) - vodum caçador.

Agongono - vodum que se relaciona com os astros; amigo de Zomadônu e pai de Jotim.

Jotim - filho de Agongono. Toqüém.

Família de Dambirá. Reúne os voduns da terra, ligados às doenças e às curas.

Acóssi Sapatá (Acóssi, Acossapatá ou Odan) - curador e cientista, conhece o remédio para todas as doenças. Ficou doente também por tratar os enfermos. Pai de Lepom, Poliboji, Borutoi, Bogono, Alogué, Boça, Boçucó e dos gêmeos Roeju e Aboju.

Azile - irmão de Acóssi. Também é doente.

Azonce (Azonço, Agonço ou Dambirá-Agonço) - irmão de Acóssi e Azile, o único que não é doente. É velho e é nagô. Pai de Euá.

Euá - filha de Azonce, também é nagô.

Lepom - filho mais velho de Acóssi. Vodum velho.

Poliboji - também vodum velho.

Borutoi (Borotoe ou Abatotoe) - vodum velho. Usa bengala.

Bogono (Bogon ou Bagolo) - diz-se que se transforma em sapo.

Alogué - diz-se que é aleijado.

Boça (Boçalabê) - mocinha alegre, está sempre com o irmão Boçucó. Toqüém.

Boçucó - outro dos irmãos mais novos. Toqüém.

Roeju e Aboju - irmãos gêmeos. Ambos toqüéns.

Família de Quevioçô. É família de voduns considerados nagôs, embora não sejam orixás (entre eles, apenas Nanã é cultuada nos candomblés de orixá, tendo sido incorporada ao panteão iorubá desde a África, assim como seus filhos Omulu e Oxumarê). Quase todos são mudos para evitar que revelem os segredos dos nagôs ao pessoal da Casa das Minas, onde são hóspedes de Zomadônu.

Nanã (Nanã Biocã, Nanã Burucu, Nanã Borocô ou Nanã Borotoi) - diz-se que é de Davice mas auxilia Quevioçô. É a nagô mais velha, a que trouxe os outros.

Naité (Anaité ou Deguesina) - mulher velha que representa a lua.

Vó Missã é a velha que resolve tudo entre os nagôs.

Nochê Sobô (Sobô Babadi) - considerada mãe de todos os voduns de Quevioçô (Badé, Lissá, Loco, Ajanutoi, Averequete e Abé). Representa o raio e o trovão.

Badé (Nenem Quevioçô) - representa o corisco. Equivale a Xangô entre os nagôs. É mudo e se comunica por sinais.

Lissá - vodum dos astros. Representa o sol. É vadio e anda muito. Também é mudo.

Loco - representa o vento e a tempestade. Também é mudo.

Ajanutoi - é surdo-mudo e não gosta de crianças.

Abé - vodum dos astros, como Loco. Representa o cometa, uma estrela caída nas águas do mar. Vodum jovem e mulher. Uma dos poucos do clã que falam. É toqüém. Corresponde ao orixá Iemanjá dos nagôs.

Averequete (Verequete) - Também fala e é toqüém.

Há dois voduns amigos da família de Quevioçô que tomam conta dos filhos de Dambirá. São eles:

Ajautó de Aladá (Aladanu) - amigo da casa. Pai de Avrejó. É velho e usa bengala. Ajuda Acóssi, que é doente. Mora com o povo de Quevioçô. É rei nagô, protetor dos advogados.

Avrejó - Filho de Ajautó. Toqüém.

Não se pode esquecer de Avievodum, Deus Supremo, a quem os voduns estão subordinados. Como Olodumare ou Olorum, Deus Supremo dos iorubás, Avievodum está distante e inalcançável, sendo pouco lembrado pelos devotos e não merecendo culto específico.

Legba ou Legbara, figura comum nas religiões afro-brasileiras, conhecido em outras "nações" pelo nome de Exu, é a divindade que assume a função de *trickster* ou trapaceiro. Não tem culto organizado na Casa das Minas, onde é identificado com Satanás, o Mal. Não é aceito como mensageiro, mesmo porque quem realiza essa função são os toqüéns. Apesar de não ter culto organizado, verificam-se uns poucos gestos rituais ligados a Legba, como por exemplo, certos cânticos pedindo para que Legba se afaste, que são cantados ao início de todo tambor. Ocupa, entretanto, lugar importante em outros terreiros influentes de São Luís.

Há outros voduns do tambor-de-mina que não aparecem nesta classificação por não serem referidos na Casa das Minas, mas que são cultuados em outros terreiros, como Boço Jara, Xadantã e Vondereji presentes na Casa de Nagô.

Encantaria

O culto dos encantados é parte muito importante do tambor-de-mina, estando ausente apenas na Casa das Minas. Como os voduns, os caboclos ou encantados estão reunidos em famílias, algumas delas características de certas casas, como o centenário Terreiro da Turquia, onde caboclos turcos ou mouros são as entidades mais importantes do culto. O nome caboclo, usado genericamente para se referir a um encantado, não significa tratar-se de entidade indígena (Ferretti Mundicarmo, 1993, 1994).

Enquanto as danças para os voduns são realizadas ao som de cânticos (doutrinas) em língua ritual de origem africana, hoje intraduzível, os encantados dançam ao som de música cantada em português.

Entre as muitas famílias de encantados destacam-se as seguintes, com os seus encantados principais, embora possa haver variação de um terreiro a outro. Observe-se que a classificação dos encantados aqui apresentada está de acordo com pesquisa de campo na Casa das Minas de Tóia Jarina, complementada com algumas informações dadas por Mundicarmo Ferretti em *Desceu na guma*. Há casos em que a classificação da Casa de Tóia Jarina pode não coincidir com a de fontes maranhenses de Mundicarmo Ferretti.

Família do Lençol. O nome é uma referência à Praia do Lençol, onde se acredita teria vindo parar o navio do Rei Dom Sebastião, desaparecido na Batalha de Alcacerquibir. É uma família de reis e fidalgos, denominados encantados gentis. Dona Jarina é a princesa encantada do Lençol que dá nome ao terreiro de mina de São Paulo, a Casa das Minas de Tóia Jarina. Seus principais componentes são:

a) os reis e rainhas: Dom Sebastião, Dom Luís, Dom Manoel, Dom José Floriano, Dom João Rei das Minas, Dom João Soeira, Dom Henrique, Dom Carlos, Rainha Bárbara Soeira.

- b) os príncipes e princesas: Príncipe Orias, João Príncipe de Oliveira, José Príncipe de Oliveira, Príncipe Alterado, Príncipe Gelim, Tói Zezinho de Maramadã, Boço Lauro das Mercês, Tóia Jarina, Princesa Flora, Princesa Luzia, Princesa Rosinha, Menina do Caidô, Moça Fina de Otá, Princesa Oruana, Princesa Clara, Dona Maria Antônia, Princesa Linda do Mar, Princesa Barra do Dia;
- c) os nobres: Duque Marquês de Pombal, Ricardinho Rei do Mar, Barão de Guaré, Barão de Anapoli. As cores da família são azul e branco para os encantados femininos e vermelho para os encantados masculinos.

Família da Turquia. Chefiada pelo Pai Turquia, rei mouro que teria lutado contra os cristãos. Vindos de terras distantes, chegaram através do mar e têm origem nobre. Seus principais componentes são: Mãe Douro, Mariana, Guerreiro de Alexandria, Menino de Léria, Sereno, Japetequara, Tabajara, Itacolomi, Tapindaré, Jaguarema, Herundina, Balanço, Ubirajara, Maresia, Mariano, Guapindaia, Mensageiro de Roma, João da Cruz, João de Leme, Menino do Morro, Juracema, Candeias, Sentinela, Caboclo da Ilha, Flecheiro, Ubiratã, Caboclinho, Aquilital, Cigano, Rosário, Princesa Floripes, Jururema, Caboclo do Tumé, Camarão, Guapindaí-Açu, Júpiter, Morro de Areia, Ribamar, Rochedo, Rosarinho. São encantados guerreiros e sua cantigas falam de guerra e batalhas no mar. Dizem que nasceram das ondas do mar. Uma doutrina de Mariana, a cabocla turca que comanda a Casa das Minas de Tóia Jarina, em São Paulo, diz: *Sou a cabocla Mariana / Moro nas ondas do mar/ He! faixa encarnada/ Faixa encarnada eu ganhei pra guerrear.* Alguns dos encantados turcos têm nomes que lembram postos de guerra ou de marinheiro, outros, nomes indígenas. Algumas dessas entidades, como na Família do Lençol, estão ligadas às narrativas míticas das Cruzadas e das gestas de Carlos Magno, muito presentes na cultura popular maranhense. São suas cores: verde, amarelo e vermelho.

Família da Bandeira. Família de guerreiros, caçadorese e pescadores chefiada por João da Mata Rei da Bandeira, tendo como componentes Caboclo Ita, Tombacé, Serraria, Princesa Iracema, Princesa Linda, Petioé, Senhora Dantã, Dandarino, Caboclo do Munir, Espadinha, Araúna, Pirinã, Esperancinha, Caboclo Maroto, Caçará, Indaê, Araçaji, Olho d'Água, Espadinha, Jandaína, Abitaquara, Jondiá, Longuinho, Vigonomé, Rica Prenda,

Princesa Luzia, Princesa Linda, Tucuruçá, Beija-Flor, Jatiçara, Pindorama. São encantados nobres e mestiços. Suas cores: verde, branco, amarelo e vermelho.

Família da Gama. São encantados nobres e orgulhosos. Seu símbolo é uma balança. São os encantados: Dom Miguel da Gama, Rainha Anadiê, Baliza da Gama, Boço Sanatiel, Boço da Escama Dourada, Boço do Capim Limão, Gabriel da Gama, Rafael da Gama, Jadiel, Isadiel, Isaquiel, Dona Idina, Dona Olga da Gama, Dona Tatiana, Dona Anástácia. Cores: vermelho e branco.

Família de Codó ou da Mata de Codó. Município do interior do Maranhão, Codó é um importante centro de encantaria do tambor-de-mina. Seus caboclos, em geral negros, têm como líder Légua-Boji. Segundo Mundicarmo Ferretti, "são entidades caboclas menos civilizadas e menos nobres, que vivem, geralmente, em lugares afastados das grandes cidades e pouco conhecidos e que costumam vir beirando o mar ou igarapés" (Ferretti Mundicarmo, 1993: 112). São eles: Zé Raimundo Boji Buá Sucena Trindade, Joana Gunça, Maria de Légua, Oscar de Légua, Teresa de Légua, Francisquinho da Cruz Vermelha, Zé de Légua, Dorinha Boji Buá, Antônio de Légua, Aderaldo Boji Buá, Expedito de Légua, Lourenço de Légua, Aleixo Boji Buá, Zeferina de Légua, Pequeninho, Manezinho Buá, Zulmira de Légua, Mearim, Folha Seca, Maria Rosa, Caboclinho, João de Légua, Joaquinzinho de Légua, Pedrinho de Légua, Dona Maria José, Coli Maneiro, Martinho, Miguelzinho Buá, Ademar. Cores: mariscado de Nanã, marrom, verde e vermelho.

Família da Baía. São os caboclos baianos também popularizados através da umbanda, mas o tambor-de-mina não os reconhece como originários do Estado da Bahia, mas de uma baía no sentido de acidente geográfico ou de um lugar desconhecido existente no mundo invisível. São eles: Xica Baiana, Baiano Grande Constantino Chapéu de Couro, Mané Baiano, Rita de Cássia, Corisco, Maria do Balaio, Zeferino, Silvino, Baianinho, Zefa e Zé Moreno. Brincalhões e muito falantes, os baianos mostram-se sensuais e sedutores, às vezes inconvenientes. Cores: verde, amarelo, vermelho e marrom.

Família de Surrupira. Família de caboclos selvagens, como índios. Feiticeiros e "quebradores de demanda": Vó Surrupira, Índio Velho, Surrupirinha do Gangá, Marzagão, Trucoeira, Mata Zombana, Tucumã, Tananga, Caboclo Nagoriganga, Zimbaruê.

Outras famílias de encantados: Família do Juncal, de origem austríaca; Família dos Botos; Família dos Marinheiros, cujo emblema é uma âncora e um tubarão; Família das Caravelas, que são peixes do oceano e não devem ser confundidos com a embarcação; Família da Mata, à qual pertencem muitos caboclos cultuados também na umbanda, como Caboclo Pena Branca, Cabocla Jacira, Cabocla Jussara, Sultão das Matas, Caboclinho da Mata, Caboclo Zuri e Cabocla Guaraciara.

A Casa das Minas de Tóia Jarina

Em 1964, Francelino, um jovem paraense de 15 anos, nascido na Ilha de Marajó, foi iniciado para vodum no tambor-de-mina na cidade de Belém, capital do Pará, por Mãe Joana de Xapanã (To Azonposiboji), originária do tambor-de-mina de São Luís e falecida em 2 de julho de 1971. Pai Francelino (To Akósakpatá Azondeji) tem como seu vodum de cabeça o mesmo de sua mãe, Xapanã, divindade ligada às doenças e sua cura. Seu segundo vodum é Sobô, divindade do raio. A encantada Dona Jarina é o guia que mais tarde será a dona de sua casa em São Paulo, casa governada pela cabocla turca Dona Mariana, que presidirá a maior parte dos ritos no terreiro paulista. Mãe Joana celebrou as obrigações de Francelino até a do sétimo ano.

Com a morte de Dona Joana, Francelino foi adotado por Pai Jorge Itacy de Oliveira (Ka Dam Manjá), do Terreiro de Iemanjá, de São Luís do Maranhão. Pai Jorge foi iniciado em 1956 no Terreiro do Egito e sua casa tem grande prestígio. Com Pai Jorge, em 1978 e 1985, Francelino deu as obrigações de 14 e 21 anos.

Em 1974, Francelino saiu de Belém e mudou-se para o Rio de Janeiro, transferido a pedido pela SUDAM para o escritório do Rio. Entre 1978 e 1980 residiu em Curitiba, Paraná, onde iniciou uma casa-de-santo, mas foi em São Paulo que acabou se fixando. Em São Paulo, em 1977, estabeleceu-se como Tói Vodunnon, isto é, pai-de-vodum ou pai-de-santo em língua ritual jeje, mas continuou a residir em Curitiba até 1980, quando se mudou

definitivamente. Seu terreiro recebeu o nome de Casa das Minas de Tóia Jarina (Kuêbe Axé To Vodum Odam Azonce), em homenagem ao seu primeiro guia espiritual, Tóia Jarina, ou Mãe Jarina, a jovem princesa encantada da Família do Lençol, que Francelino recebeu quando tinha 12 anos de idade. Assim os deuses africanos do Daomé aclimatados em São Luís do Maranhão, partindo de Belém do Pará, vieram a se estabelecer em São Paulo.

O terreiro de Dona Jarina, que se define como casa de culto mina-jeje, mina-nagô e encantaria, esteve em vários endereços (bairros de Casa Palma, Vila Campestre, Jardim Luso) até instalar-se no Jardim Rubilene em 1983, onde permaneceu por dez anos. Em 1993 mudou-se para a Rua Itália, 462, no bairro Jardim das Nações, município de Diadema, com instalações especialmente construídas para o terreiro, onde se encontra até o presente.

A exemplo dos candomblés, as instalações físicas do terreiro lembram um *compound* africano, com um barracão central para as danças, seis pequenas casas reservadas para as diferentes famílias de divindades (onde os assentamentos das divindades são mantidos fora do alcance da curiosidade dos não-iniciados), uma pequena capela com altar católico e uma construção com cozinha, sala de estar e quartos para dormir e vestir, além das dependências em que os iniciados ficam recolhidos durante suas obrigações, a clausura. Há também o quarto de Legba, o quarto reservado ao culto dos antepassados da casa e um pequeno jardim em que se cultivam plantas sagradas.

Em São Paulo Francelino iniciou seus filhos, ensinou aos tocadores de tambor os ritmos da mina, construiu uma grande rede de clientes, estabelecendo contato com lideranças da umbanda e de várias nações de candomblé. É Coordenador em quarto mandato da Coordenação Paulista do INTECAB (Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira), instituição que reúne as nações de candomblé e umbanda, milita em federações de umbanda e está presente em rádios e publicações religiosas. Com o tempo tornou-se personalidade conhecida e respeitada entre o povo-de-santo paulista.

Os voduns e suas festas

Os voduns hoje assentados na casa, isto é, os voduns cultuados como principais ou *adjuntós* dos membros iniciados são: Xapanã, Naveorualim, Navezuarina, Abê, Naê,

Acóssi, Lepom, Polibogi, Azile, Azacá, Doçu, Doçupé, Sobô, Badé, Averequete, Dadá-hô, Zomadonu, Vondereji, Xadantã, Agüê, Lissá, Euá, Boçalabê, Boço Jara, Nanã, Alogué, Dangbê, além dos orixás Ogum, Odé, Xangô, Oxum e Oiá-Iansã. Também têm assento na casa Idarço, Oruana, Arronovissavá, Bedigá, Ajê e Iemanjá. O culto a Legbara está presente, sendo propiciado nas grandes obrigações e estando assentado para a casa e para muitos dos filhos.

Considerando o pouco tempo que marca a presença dos voduns em São Paulo, os simples nomes deles já sugerem um enorme mistério a decifrar. Mesmo sendo tão pouco conhecidos na cidade, a relação que cada um guarda com os orixás do candomblé e da umbanda ajuda muito, creio, na sua assimilação pelos devotos que se aproximam do tambor-de-mina. Na maioria dos casos estabelece-se alguma correspondência entre voduns e orixás. Na tradição da mina, que é mantida na maioria das situações rituais na casa de Pai Francelino, os voduns não usam roupa específica e, quando incorporam, apenas amarram uma toalha em torno da cintura, se vodum feminino, ou em torno do tronco, se vodum masculino, mas não é incomum ver o vodum, em dia de sua grande festa, dançar paramentado com roupas e adereços inspirados nos usados por orixás do candomblé.

A correspondência entre vodum e orixá, já trazida do Maranhão, mostra-se também na relação sincrética com os santos católicos. Assim, por exemplo, há correspondência entre o vodum Sobô e o orixá Oiá-Iansã, ambas sincretizadas com Santa Bárbara. O mesmo se dá entre Boço Jara, Logun-Edé e Santo Expedito; entre Abê, Iemanjá e Nossa Senhora da Conceição, assim como entre Lissá, Oxalá e Jesus Cristo; Dangbê, Oxumarê e São Bartolomeu etc. (ver Quadro 1.)

Contando-se os voduns que foram assentados no terreiro de Dona Jarina, isto é, os voduns principais e *adjuntós* de cada filho iniciado na casa, além dos voduns do próprio chefe da casa, pode-se chegar aos dados mostrados no Quadro 2. Assim, os voduns assentados com maior frequência correspondem aos orixás do candomblé que também têm mais filhos, que são mais populares, pode-se dizer. Orixás mais raros correspondem a voduns com menor número de iniciados. De modo geral, o conjunto do panteão de voduns com filhos feitos adere em número à distribuição dos orixás que se pode usualmente encontrar num terreiro de candomblé de qualquer parte do País. Isso certamente ajuda na

assimilação desse novo panteão de deuses africanos numa cidade que recém- completou seu conhecimento do panteão dos orixás.

As atividades religiosas seguem um extenso calendário com obrigações e tambores a cada mês do ano, em datas correspondentes às festas católica, conforme a seguinte programação:

Calendário da Casa das Minas de Tóia Jarina

1. Festas fixas

Janeiro

dia 6 (Santos Reis)	Doçu, Bedigá e Zomadônu
dias 19, 20, 21	Azonece, Lego Babicachu Xapanã
dia 20 (São Sebastião)	Xapanã e Azacá - Mesa dos Inocentes e Banquete dos Cachorros
dia 21 (Santa Inês)	Oruana - Encerramento dos 9 dias de Xapanã com Bancada das Tobôssis e Princesas

Fevereiro

dia 2 (N.S. das Candeias)	Presente de Abê
dia 8	Caboclo João da Mara e sua Família da Bandeira
dia 11 (São Lázaro)	Acóssi e Acóssi Sapatá

Março

dia 19(São José)	Xadantã, Loco e Zezinho de Maramadã
------------------	-------------------------------------

Abril

dia 21	Jotim e Jotam
dia 22	Dona Jarina (a dona da casa)
dia 23 (São Jorge)	Ogum

Maiο

dia 24 (Santa Rita)	Nanã Biocô
---------------------	------------

Junho

dias 12, 13, 14	Cabocla Mariana e Família da Turquia
dia 13 (Santo Antônio)	Agongone, Vondereji e Caboclo Ita
dia 24 (São João)	Bancada das Tobôssis e tambor dos Nobres (Reis, Rainhas, Nobres)
dias 28, 29, 30 (São Pedro)	Badé

Julho

dia 16 (N. S. do Carmo)	Euá e Naveorualim
dia 26 (Santana)	Vó Missã e Nanã Bulucu

Agosto

2º Domingo	Averequete
dia 15 (Assunção de N. Senhora)	Navezuarina e Naveorualim
dia 16 (São Roque)	Lepom
dia 23	Caboclo Rompe Mato e Família da Mata
dia 24 (São Bartolomeu)	Dangbê
dia 25 (São Luís de França)	Dadarrô
dia 30 (Santa Rosa)	Nanã Bassarodim e Rainha Rosa (Codó)

dia 31 (São Raimundo Nonato) Zé Raimundo Bogi Buá Sucena Trindade, Família de Codó e Rei de Nagô

Setembro

dia 16 Polibogi
dia 27 (S. Cosme e S. Damião) Família da Baia
dia 29 (São Jerônimo) Badé Zorogama
dia 30 (São Miguel) Dom Miguel Rei de Gama e Família de Gama

Outubro

2º domingo (N. S. de Nazaré) Rainha Dina (Codó), Fina Jóia
dia 15 (Santa Teresa) Boçalabê
dia 28 Boço Jara, Caboclos Tabajara e Balanço

Novembro

dia 1 para 2 (Finados) Obrigação de Ancestrais
dia 15 (N. S. dos Remédios) Agué e Família Caboclo Roxo e Encantarias
dia 28 (Santa Catarina) Naê e Naedona

Dezembro

dia 4 (Santa Bárbara) Sobô, Oiá, Dona Servana e demais Nochês (voduns femininos)
dia 8 (N. S. Conceição) Abê, Naité e Iemanjá
dia 13 (Santa Luzia) Navezuarina e Família de Marinheiros

2. Festas móveis

Quarta-feira de Cinzas

Arrambã (Bancada das Tobóssis) e encerramento anual das celebrações dos voduns

Sexta-feira, 15 dias antes da Sexta-Feira Santa

Obrigação da Cana Verde. Ritual da plantação. Cobertura dos assentamentos dos voduns, orixás e encantados e das imagens católicas. Interrupção de todas as atividades religiosas da casa.

Sexta-Feira Santa

12:00 horas: Obrigações durante toda a tarde para Lissá e voduns da Criação (Abieié)

Noite: Renovação: os assentamentos são descobertos; ossé (limpeza) geral da casa, troca das águas das quartinhas. Renovação dos axés.

Sábado de Aleluia

Primeiras horas: Abieié, Cerimônia do Renascimento. Sacrifícios para todos os voduns e encantados assentados na casa. Levanta-se a “bandeira do vodum”.

12:00 horas: Bolo da Felicidade. Cerimônia da punição em que cada membro recebe palmadas.

20:00 horas: Tambor de Abertura da Casa. Início do ano litúrgico (roupa branca).

Domingo de Páscoa

20:00 horas: Segundo dia da Abertura e Tambor de Pagamento (Mocambo), quando os alabês, vodúnsis poncilês e outros dignitários não-rodantes recebem presentes dos voduns e encantados (roupa verde).

Segunda-feira após a Páscoa

Tambor de abertura do terreiro com os encantados (roupa estampada).

Cada comemoração divide-se em obrigação, ou ritos sacrificiais reservados aos iniciados, e em festa pública, que se realiza no barracão, com presença de amigos, clientes e simpatizantes, com a dança dos voduns e encantados manifestados no transe.

O tambor, como é chamado o rito público, a dança, desenrola-se por muitas e muitas horas, às vezes numa seqüência de um, três, ou sete dias. As dançantes apresentam-se com seus trajes alvíssimos de bordado Richelieu ou de belos tecidos estampados nas cores dos santos, com seus pesados colares de contas, os rosários da mina. Com a chegada da entidade, uma toalha é envolta na cintura ou no tronco e isto é o indício de que uma nova personalidade tomou conta daquela cabeça. O encantado dança, canta suas doutrinas (cantigas), cumprimenta os presentes, conversa com os amigos, bebe da bebida de sua predileção e volta a dançar sempre, enquanto os tocadores se revezam nos batás, gã e xequerês.

No final do tambor, todos comem a comida preparada com as carnes dos sacrifícios. Cansados, os filhos-de-santo voltam para casa para descansar poucas horas, para enfrentar um novo dia de trabalho. Mas podem voltar na noite seguinte ao terreiro para a continuação do tambor, pois são muitos os voduns e em maior número ainda os encantados, e todos precisam dançar e dançar para assim conviver com os mortais seus filhos.

Os iniciados

Na Casa de Dona Jarina os filhos são iniciados para seu vodum principal e para o vodum *adjuntó*, isto é, para um segundo vodum. Como no candomblé, os voduns de um iniciado formam um par correspondente à idéia de pai e mãe, sendo, assim, um deles masculino e o outro feminino. A iniciação compreende uma celebração preliminar à cabeça, denominada *aperê*, como o *bori* do candomblé, com posterior recolhimento em

clausura por alguns dias, raspagem da cabeça e sacrifício de animais ao vodum, além de outras oferendas. O ciclo é completado com a festa de saída do novo *vodúnsi* (iniciado para o vodum, filho-de-santo), quando o novo dançante e seu vodum são apresentados à comunidade durante um tambor. Com sete anos o vodúnsi recebe sua tobóssi, sua princesa menina, quando sua iniciação se completa e ele ganha a dignidade da senioridade iniciática, sendo chamado de *vodúnsi-gonjaí*. Pode ocorrer desta obrigação ser antes dos sete anos ou bem depois, por exemplo, de 15 anos de sua feitura. Não há um prazo fixo, pré-determinado, pois quem escolhe a nova “rama dos Agonjaí” é sempre o vodum chefe e não o pai-de-santo.

Antes mesmo da iniciação para o vodum, os filhos podem começar a receber os voduns e encantados. Em geral, um filho-de-santo de Pai Francelino com o grau de *vodúnsi-gonjaí* recebe dois voduns, a tobóssi e alguns encantados, cujo número cresce com os anos de iniciação.

Até o presente foram iniciados 98 filhos de voduns, dos quais 28 ocupam cargos relacionados à organização do culto, como os tocadores de tambor e as equédis, os quais não recebem as entidades através do transe. Os demais 70 são dançantes, isto é, devotos que entram em transe de vodum e encantado. Destes, 18 já atingiram o grau de senioridade, estando aptos, portanto, a receber as meninas princesas, as tobóssis jejes. O nome dos iniciados, seus voduns e encantados estão dados nos Quadros 3, 4 e 5. Além dos filhos iniciados (feitos) por Pai Francelino, fazem parte da casa, evidentemente, os que estão pleiteando sua iniciação, tendo já, em geral, passado pela cerimônia do *aperê* de sacrifício à cabeça, e também aqueles iniciados em nações de candomblé e que na Casa de Tóia Jarina receberam obrigações de 7, 14 e 21 anos, por exemplo. Os aspirantes e os que apenas têm obrigação de adoção não foram incluídos nos quadros.

Entre os seguidores dos voduns em São Paulo, parte veio da umbanda e houve casos de chefes de terreiros que foram iniciados na mina e que passaram pouco a pouco a tocar a religião dos voduns, de modo que, hoje, os voduns estão presentes em várias casas paulistas e de outros Estados ligadas à Casa das Minas de Tóia Jarina por iniciação de seu pai ou mãe-de-santo. A maioria, porém, veio do catolicismo. Na composição demográfica do terreiro é grande a presença de migrantes nordestinos ou seus filhos, com a participação de negros, mulatos e brancos, de extração social bastante modesta. Como nas outras

modalidades afro-brasileiras da metrópole, não há o corte da cor, a religião negra não se prende mais à origem racial dos adeptos. Alguns dos iniciados vivem em outros Estados, onde são chefes de terreiros, vindo a São Paulo por ocasião de suas obrigações e das festas mais importantes. É grande o trânsito de pessoas de uma cidade para outra, através de grandes distâncias. O próprio pai-de-santo viaja constantemente a São Luís para as festas na casa de seu pai e também para outras partes do Brasil para dar obrigações a filhos e atender clientes.

O grupo de culto organizado em torno de Pai Francelino é mais que uma família-de-santo. O parentesco entre muitos membros da casa é também o de família de sangue e as relações familiares, que envolvem também compadrio e namoro, agregam a comunidade do terreiro numa ampla teia de deveres e reciprocidades não religiosos, que estreitam e multiplicam os laços de solidariedade impressos no parentesco religioso e na hierarquia do culto. Vejamos:

Enedina é casada com Pedro. São os pais de Sandra, a mãe-pequena, que aos quatro anos recebeu a encantada Princesa Flora, e de Édson, consagrado para tocar tambor, assim como Carlos, marido de Sandra, e pais da equede Sônia, cuja filha Graziela já foi escolhida para ser equede como a mãe. Sandra e Carlos têm quatro filhos: Karla Alessandra, de doze anos, Victor Eduardo, de onze anos, que passa a maior parte do tempo com o "avô" Francelino e já é iniciado como axogum de Sobô, olubátá e alabê de Tóia Jarina, Andressa de cinco anos e Kaique de poucos meses. Oraci é irmã de Pedro. Enedina, Pedro, Édson, Sônia e Graziela mudaram-se para Curitiba, onde abriram casa-de-santo. Vêm ao terreiro para as festas, onde a família volta a se reunir, onde brincam os netos.

Márcio, o pai-pequeno, é irmão de Marcos, que foi casado com Suely, com quem teve os filhos Ilanajara e Danilo, que será tocador.

Jandira de Nanã, já falecida, foi casada com Dinho, alabê de Sobô. A filha Cristiane é vodúnci poncilê de Xapanã casada com o Alabê Edimar de Vondereji e pais de João Victor, Alex é confirmado huntó de Boço Jara, Fábio já é feito para Nanã. Reinaldo é irmão de Jandira, como Nelson, que é alabê suspenso.

Kátia, poncilê de Xapanã é irmã de Edson feito para Toy Azonçu.

Nica de Odé já é agonjaí e é casada com Toninho de Badé, Alabé, irmã de Vitória de Oyá, também feita e mãe da poncilê Karla de Agüê.

O Professor Jorge Adalberto confirmado Babá Egbé da parte nagô da Casa é casado com a agonjaí Damiana de Sogbô e pais do Alabê Fabyo Adalberto de Poliboji, da vodunsi-hê Cristiane de Dangbê e da vodunsi Cisleyde de Naveorualim. Sua irmã Jorgete é feita para Oyá e os filhos desta são do axé: o Alabê indicado Alcides de Lissá, Victor de Aden, a poncilê indicada Andressa de Azaká e a rodante Joyce de Badé. Também, João de Verekete, irmão do professor Jorge, é borizado e casado com Adriana de Abê, borizada e genro de Vitória de Oyá.

Leonardo é casado com Elizabete e seu filho Leonardo foi iniciado tocador. O irmão de Leonardo, Vicente, é casado com Vera, que já fez o *aperê* e recebe encantado. Eles são os pais de Talitha e Tábatha, já presentes na roda-de-santo. Faz parte da família Alex, um sobrinho que também já dança com encantado, e seu irmão Fábio e sua irmã Amanda, ambos aspirantes. A aspirante Iracema, já "borizada", é irmã de Leonardo e Vicente e suas filhas devem ser também iniciadas: Danielle, equede, e Tatiane, rodante. Leonardo dirige o terreiro de sua família. Vera tem a irmã Ana Maria, mãe de Michelle, "borizada", e José Roberto Júnior, que também toca.

Maria da Glória é mãe de Kátia, casada com Sérgio. Antônio Aramízio é cunhado de José Divino, ambos feitos, e tem outros parentes que já fizeram o *aperê*. Alzira de Sogbô é mãe do huntó de Xadantã Luciano de Xadantã e de Lucimar de Abê, borizada, ex-esposa do vodunsi Rogério de Boço Jara.

As famílias interligam-se, os laços de parentesco multiplicam-se, o terreiro é o lugar da religião e do encontro, é o lugar do lazer e a praça onde todos se apresentam.

Na vida cotidiana de cada iniciado, tudo gira em torno do terreiro e seu calendário exaustivo: como fazer os preparativos da obrigação, como deixar em ordem as inúmeras roupas rituais, quando encontrar um tempo livre para qualquer outra coisa? Muitos dos filhos moram longe do terreiro, alguns em outras cidades, a cidade é grande, é grande o esforço de cada um. São pobres, às vezes de classe média baixa, e as obrigações são financeiramente onerosas, de modo que uma obrigação de iniciação muito desejada pode ter que esperar por anos. A obrigação de tobóssi, quando o iniciado recebe o posto de vodunsi-gonjaí, é totalmente gratuita e de responsabilidade da casa, com ajuda dos gonjaí mais velhos, obrigação que é determinada pelo vodum da casa. Nas demais obrigações, o

iniciado gasta com a compra de animais, roupas, comida, objetos rituais etc., podendo contar com a ajuda de parentes e amigos.

Durante o tambor, os filhos parecem cansados, pois as festas públicas são precedidas por obrigações sacrificiais que freqüentemente viram a noite, mas também sempre parecem contentes. E quando os tambores tocam e as entidades chegam, eles são capazes de dançar por muitas horas sem descanso. Quando não há tambor, num dia de vodum, todos se reúnem na sala do altar católico para o ritual da *avaninha*, rezas de voduns acompanhadas pelo gã e xequerês.

As crianças, muitas, estão sempre presentes no tambor. Entram na roda, tocam tambor, correm de lá para cá, conversam com os encantados. E têm sua predileções entre os caboclos e voduns. Víctor, o então garotinho enrabichado por Dona Mariana na cabeça de Francelino, sempre pedindo colo, sempre querendo sua atenção, mal se aproximava do mesmo Francelino quando virado no Caboclo Zê Raimundo e hoje já está com seus 11 anos, tocando e desempenhando funções. As crianças do terreiro vão sendo socializadas no cotidiano da mina e aprendendo os ritos como aprendem tudo o mais.

Em todas ou em quase todas as celebrações da casa, obrigações, tambores, estará presente Dona Mariana, a princesa cabocla filha do Rei da Turquia. Cedo ou tarde ela chega e comanda todo o ritual, assumindo a chefia da casa de Dona Jarina, que ela chama de irmã. Xica Baiana, encantada de Márcio, o pai-pequeno, é sua principal acólita.

Dona Mariana é sempre o centro das atenções e nenhum dos filhos de Pai Francelino disfarça a enorme devoção que todos têm por ela. Dança, canta, conversa, chama a atenção dos filhos, corrige o ritmo dos tambores, recebe as visitas e faz até discurso, quando a solenidade o exige. Quem freqüenta o terreiro apenas durante os tambores dificilmente convive com o pai-de-santo, pois seu corpo e sua cabeça estão sempre tomados pela personalidade de Mariana. Ela fala por ele e pelo tambor-de-mina, é a grande porta-voz dos voduns e encantados do Maranhão em terras de São Paulo.

O tambor-de-mina em São Paulo

A história da Casa das Minas de Thoya Jarina inclui-se no processo de expansão e diversificação das religiões afro-brasileiras em São Paulo, em curso a partir dos anos 60.

Componente de um movimento de migração do Nordeste e Norte, que trouxe para o Sudeste as mais variadas formas de cultos a orixás, voduns, inquices, encantados e antepassados, e que encontrou em São Paulo, assim como em outras grandes cidades da região, condições culturais e econômicas muito favoráveis, num processo de mudança sociocultural que incluía a valorização do que se considerava então as verdadeiras raízes da cultura brasileira, a chegada dos voduns do tambor-de-mina expressa uma demanda nova no contexto da sociedade secularizada. É o pluralismo religioso, com a possibilidade da livre escolha da religião num leque de possibilidades sacrais e mágicas, como num mercado religioso, que inclui, no limite, a formação da empresa religiosa, a multiplicação de templos através da franquia e a constituição do adepto como consumidor religioso. A sociedade diversifica-se em mercado, consumo, identidades, e assim também diversifica-se a religião (Pierucci e Prandi, 1996).

No tambor-de-mina paulista, como nas demais modalidades religiosas de origem negra presentes na cidade, misturam-se adeptos negros, pardos e brancos, sem distinção de origem racial, como mais um elo da cadeia que transformou a religião étnica em religião para todos. Através da atuação do seu líder, Pai Francelino de Xapanã, a mina em São Paulo convive com modalidades da umbanda, do candomblé, do xangô do Nordeste e do batuque em contatos que são, ao mesmo tempo, burocráticos, religiosos e culturais, sugerindo novas formas de influência e sincretismo: a diversidade construindo espaços de expressão de interesses comuns e dificuldades afins das religiões afro-brasileiras.

Pai Francelino tem vários oyês em casas de candomblé como o de Balogun na Casa das Águas, do Babalorixá Armando de Ogum (Itapevi), Araibatan n'Ilê Alakêtú Axé Ibualamo, do Babalorixá José Carlos de Ibualamo (São Paulo), e Mogbá Xangô no Ilê Alakêtú Axé Airá, do Babalorixá Pércio de Xangô, além do cargo de Babá Kekerê do Ilê Axé Yemowá, de seu pai, hoje falecido, em São Luis do Maranhão.

Pai Francelino cultiva laços de relacionamento e amizade com todas as religiões afro-brasileiras nos mais diferentes pontos do País. Dedicar-se ao diálogo inter-religioso e político-religioso, participando de inúmeras instituições voltadas à defesa das tradições de origem africana, sendo membro da URI (United Religions Initiative) – Iniciativa das Religiões Unidas, do Conselho Parlamentar pela Cultura de Paz da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, do Comitê Paulista pela Ética na Programação de Rádio e TV, e

também do CONER – Conselho Estadual de Ensino Religioso do Estado de São Paulo, ao lado de bispos católicos, sheiks muçulmanos, rabinos, monges budistas, espiritualistas, espíritas, umbandistas, afro-brasileiros, metodistas, prebisterianos, anglicanos etc. entre outras funções.

No terreiro, as relações entre os seguidores da religião dos voduns e encantados, que envolvem complexo conjunto de obrigações hierárquicas, interdependência, reciprocidade e formas de solidariedade muito bem delineadas, ampliam-se e se fortalecem com as redes de parentesco das inúmeras famílias de sangue que se emaranham no grupo de culto. Parentesco de santo e parentesco de sangue misturam-se e se enredam: ninguém está sozinho no tambor-de-mina. O controle social é generalizado e o grupo praticamente vai se fechando sobre si mesmo, como um núcleo duro que elabora respostas coletivas para a vida individual no cotidiano da sociedade além grupo de culto, para a vida de seus membros fora do terreiro. A religião é assim, ao mesmo tempo, o espaço dos deuses, da família, do lazer, da socialização das crianças, da construção da identidade psicológica de cada um.

A organização dos voduns e encantados em famílias, cada uma com suas características e símbolos, datas de comemoração, obrigações e preceitos, exprime a necessidade de ordenação deste mundo a partir da ordenação do mundo sobrenatural. Nada está solto, isolado ou sozinho. O sentido da religião envolve a possibilidade de expressão de múltiplos egos, ninguém é uma coisa só. A possibilidade de um filho-de-santo receber mais de uma dezena de entidades é emblemática. E ao mesmo tempo que a mina promove essa capacidade de expressão individual múltipla quase ilimitada, ela organiza e regula as manifestações possíveis através da estrutura das famílias de entidades e do calendário das festas, fazendo da diversidade sinônimo de ordem e disciplinando, através da hierarquização iniciática, a possibilidade do caos antevista na variedade quase sem fim de manifestações de deuses, espíritos, encantados, numa multidão de representações sobrenaturais, anulando e redefinindo cada personalidade individual. Como se a regra fosse: somos um e somos tudo; é preciso experimentar cada possibilidade de sermos o outro, experiência que a sociedade nos nega na definição das classes e papéis sociais.

A religião tradicional que migrou e que se refez na cidade moderna vai assim se mostrando como imagem caricatural da sociedade atual, que é a sociedade da diferença e da multiplicidade. Nessa sociedade secularizada, onde não há mais lugar para a religião única

e hegemônica, capaz, como no passado recente, de ditar regras para a sociedade como um todo, nessa sociedade que não precisa mais de deuses, que seguem cultuados em vista agora das necessidades dos indivíduos, nessa sociedade o tambor-de-mina vai se expandindo como uma das infindáveis religiões da metrópole contemporânea. Como aconteceu com os orixás pouco antes, agora também os voduns vão se fazendo deuses metropolitanos.

* * *

Quadro 1. Voduns assentados na Casa das Minas de Tóia Jarina

Família	Vodum	Nação	Orixá correspondente	Santo católico sincretizado com o vodum
Dambirá	Azonce	Jeje	Omulu-Obaluaê	São Sebastião
	Acóssi	Jeje	Omulu-Obaluaê	São Lázaro
	Alogué	Jeje	Ossaim	-
	Azile	Jeje	Omulu-Obaluaê	São Roque
	Boçalabê	Jeje	Euá	Santa Teresa
	Dangbê	Jeje	Oxumarê	São Bartolomeu
	Eowá	Jeje-nagô	Euá	N. S. do Carmo
	Lepom	Jeje	Omulu-Obaluaê	São Roque
	Naveorualim	Jeje	Oxum	N. S. da Glória
	Oruana	Nagô	-	Santa Inês
	Idarço	Nagô	Oxumarê	São Bartolomeu
	Xapanã	Nagô	Omulu-Obaluaê	São Sebastião
	Polibogi	Jeje	Omulu-Obaluaê	São Manoel
Davice	Doçu	Jeje	Ogum	Santos Reis
	Naê	Jeje	Iemanjá	-
	Sepazim	Jeje	-	-
	Zomadônu	Jeje	Omulu-Obaluaê	Santos Reis
	Doçupé	Jeje	Ogunjá	Santo Antônio
	Arronovissavá	Jeje	Oxalufã	Jesus Cristo
	Bedigá	Jeje	Ogum	Santos Reis
Savaluno	Agüê	Jeje	Oxóssi	Santa Helena
	Azacá	Jeje	Oxóssi	São Sebastião
	Boço Jara	Nagô	Logun-Edé	Santo Expedito
	Boço Vondereji	Nagô	Xangô	Santo Antônio
Quevioossô	Abê	Jeje	Iemanjá	N. S. da Conceição
	Averequete	Jeje-nagô	Xangô Aganju	São Benedito
	Badé	Jeje-nagô	Xangô	São Pedro
	Lissá	Jeje-nagô	Oxaguiã	Jesus Cristo
	Nanã	Jeje-nagô	Nanã	Senhora Santana
	Navezuarina	Nagô	Oxum	Santa Luzia
	Sobô	Jeje	Oiá	Santa Bárbara
	Xadantã	Jeje	Xangô Airá	São José
Orixá	Ogum	Nagô	Ogum	São Jorge
	Odé	Nagô	Oxóssi	Santa Helena
	Xangô	Nagô	Xangô	São Pedro
	Oiá	Nagô	Oiá	Santa Bárbara
	Oxum	Nagô	Oxum	N. S. da Glória
	Ajê	Nagô	Ajê Xalugá	-
	Iemanjá	Nagô	Iemanjá	N. S. das Candeias

Quadro 2. Frequência dos voduns assentados na Casa das Minas de Tóia Jarina e dos correspondentes orixás

Vodum	Número de casos	Orixá correspondente	Número de casos
Naveorualim	22	Oxum	37
Navezuarina	10		
Oxum	5		
Doçu	12	Ogum	25
Doçupé	1		
Bedigá	1		
Ogum	11		
Abê	17	Iemanjá	20
Naê	2		
Iemanjá	1		
Sobô	17	Oiá-Iansã	28
Oiá	11		
Badé	11	Xangô	21
Averequete	3		
Vondereji	2		
Xadantã	2		
Dadá-hô	2		
Xangô	1		
Xapanã	3		
Acóssi	10		
Lepom	3		
Zomadonu	1		
Polibogi	2		
Azile	2		
Agüê	7	Oxóssi	13
Azacá	1		
Odé	5		
Lissá	4	Oxalá	5
Arronovissavá	1		
Euá	2	Euá	3
Boçalabê	1		
Boço Jara	4	Logun-Edé	4
Dangbê	2	Oxumarê	3
Idarço	1		
Nanã	2	Nanã	2
Ajê	1	Ajé Xalugá	1
Alogué	1	Ossaim	1

Quadro 3. Iniciados Dançantes e seus Voduns e Tobóssis

Ordem de iniciação Dos filhos dançantes	Iniciado	Ano de iniciação	Cargo sacerdotal	Vodum Principal	Vodum Adjuntó	Tobóssi
		Pai Francelino	1964	Pai, Tóy Vodunnon	Xapanã (Azonce)	Sogbô (*)
1	Norma	1979	Afastada	Doçu	Abê	
2	Oraci	1979		Naveorualim	Acóssi	
3	Enedina	1981	com casa em Curitiba	Eowá	Lissá	Agamavi
4	Ernesto	1982	falecido em 1993	Badé	Eowá	
5	Ariovaldo	1982	Falecido	Oiá	Doçupé	
6	Márcio Adriano	1984	Toy Hunji (pai-pequeno)	Boço Jara	Sogbô	Idojasi
7	Sandra Aparecida	1984	Izadioncoé (mãe-pequena)	Xadantã	Naveorualim	Sindoromin
8	Joaquim	1984	falecido em 1992	Averequete	Sogbô	Berebosi
9	Marcos Antônio	1984		Badé	Oruana	Elacindê
10	Ana Maria	1985		Lissá	Abê	
11	Manoel	1986	falecido em 1989	Poliboji	Navezuarina	
12	Fernando	1987		Doçu	Naveorualim	
13	Sueli	1987		Agüê	Sogbô	Delobê
14	Solange Maria	1987	com casa em Belém	Abê	Lepon	Azondolabê
15	Vitória Maria	1987	Afastada	Sogbô	Doçu	
16	Cidinéia Maria	1987	falecida em 1993	Naveorualim	Doçu	
17	Jandira	1987	falecida em 2000	Nanã	Agüê	
18	Maria Rosa	1987	Afastada	Oxum	Xangô	
19	Reinaldo	1988		Agüê	Oiá	
20	Nelson	1988	Afastado	Abê	Badé	Dandalossim
21	Airton	1989	com casa em Ibiúna	Boço Jara	Navezuarina	
22	João Batista	1989	com casa em Santo André	Naveorualim	Lissá	Anarodim
23	Alberto Jorge	1990	com casa em Manaus/AM	Badé	Sogbô	
24	Maria da Glória	1990	com casa no Paraná	Abê	Doçu	
25	Carlos Eduardo	1990		Ogum	Oxum	
26	Miriam Marlene	1990	Iyá bii (Mãe criadeira)	Doçu	Abê	Dagusi
27	Lairton	1990	Afastado	Naveorualim	Doçu	
28	Vera Lúcia	1990	Afastada	Navezuarina	Agüê	Iralabê

29	Cantora	1990	Afastada	Abê	Acóssi	
30	Leonardo	1991	com casa em São Paulo	Doçu	Navezuarina	Akisolobê
31	Maria Noêmia	1991	com casa em São Paulo	Odé	Oxum	
32	Dinorá	1991	falecida em 1995	Abê	Lissá	
33	Iracy	1991	falecida em 2004, sua casa continua em Diadema	Agüê	Abê	Huessobê
34	Edilson	1992		Badé	Navezuarina	
35	Alzenir	1992		Zomadônu	Abê	
36	Elizabeth	1992		Oiá	Acóssi	
37	Genival	1993		Ogum	Oiá	
38	Elza	1993		Ogum	Oxum	
39	Sérgio	1993		Averequete	Sogbô	
40	Édison	1993		Navezuarina	Doçu	
41	Kátia	1993		Oiá	Docupé	
42	Odete	1993		Oiá	Acóssi	
43	Antônio Aramízio	1994	Com casa em Ituiutaba/MG	Doçu	Naê	
44	José Divino	1994		Lepón	Naveorualim	
45	Leonel Vicente	1995		Badé	Navezuarina	
46	Deusane Regina	1995		Abê	Lepón	
47	Maria Aparecida	1995		Abê	Azile	
48	Antônio Bernardino	1996	com casa em Diadema	Acóssi Sapatá	Abê	
49	Hamilton Anselmo	1998	Com casa em Curitiba/PR	Acósakpatá	Naveorualim	
50	Nica	1999		Odé	Naveorualim	Glegbenusi
51	Cristiane	1999		Dangbê	Naveorualim	
52	Chica	1999		Oyá	Azaká	
53	Arminda (Leão)	1999		Oyá	Ogum	
54	Vitória	1999		Oyá	Akóssu	
55	Marta	1999		Naveorualim	Akóssu	
56	Walkíria	1999	Com casa em Diadema	Ogum	Sogbô	
57	Nilson	1999	Com casa em Diadema	Naveorualim	Odé	Nowin Dunsi
58	Augusta	2000		Naveorualim	Badé	
59	Fábio Neves	2000		Nanã	Badé	
60	Lucrécia	2001		Naveorualim	Doçu	
61	Jean Karlo	2001	Com casa em Manaus/AM	Lego Xapanã	Sogbô	Azonmeunsi
62	Damiana (Cícera)	2001		Sogbô	Agüê	Funzosi

63	Jorgete	2001		Oyá	Agüê	
64	Cysleide	2001		Naveorualim	Badé	
65	Edson	2002		Azonçu	Sogbô	
66	Dirce	2003		Oyá	Akóssu	
67	Sérgio	2003		Jara	Sogbô	
68	Rogério Cássio	2003		Jara	Sogbô	
69	Alzira Maria	2003		Sogbô	Legô Xapanã	
70	Cláudio	2004		Naveorualim	Badé	

(*) Pai Francelino recebe também Doçu, que comanda a casa o ano inteiro, presidindo as iniciações.

Quadro 4. Iniciados Dançantes e seus Encantados

Iniciado	Família do Lençol	Família da Turquia	Família da Baía	Família da Bandeira	Família de Codó	Família da Gama	Família de Surrupira	Outras famílias
Pai Francelino	Jarina e Ricardino	Mariana, Guerreiro de Alexandria e Menino de Léria		João da Mata Rei da Bandeira e Caboclo Ita	Zé Raimundo Boji Buá Sucena Trindade	Baliza da Gama		
Norma			Baiano Grande Constantino Chapéu de Couro	João da Mata Rei da Bandeira				
Oraci	Princesa Moça Fina de Otá	Rosário e Tapindaré			Joana Gunça		Vó Surrupira	
Enedina	Dom Antônio do Juncal	Japetequara			Maria de Légua	Boço da Escama Dourada	Índio Velho	
Ernesto								
Ariovaldo	D. João Soeira, Barão de Guaré e Princesa Juliana	Tapindaré		Taguacé				Martim Pescador
Márcio Adriano	Rainha Bárbara Soeira e Boço Lauro das Mercês	Tabajara e Itacolomi	Xica Baiana	Tombacé	Oscar de Légua	Boço do Capim Limão	Surrupirinha do Gangá	
Sandra Aparecida	Princesa Flora e Tói Zezinho de Maramadá	Tapindaré		Serraria	Teresa de Légua		Trucoeira	
Joaquim		Jaguare-ma e Herundina			Francisquinho da Cruz Vermelha			Cabocla Jacira (Mata)
Marcos Antônio	Dom João Soeira	Balanço e Ubirajara		Princesa Iracema	Zé Raimundo e José de Légua		Mata Zombana	
Ana Maria	Moça Fina de Otá			Jondiá				Júlio Galeno (Marinheiro)
Manoel			Mané Baiano					Caboclo Pena Branca (Mata)
Fernando		João Guerreiro						

Sueli		Maresia		Princesa Linda	Dorinha Boji Buá e Antônio de Légua	Rainha Anadiê		
Solange Maria	Princesa Flora e Dom João Soeira			João da Mata	Expedito de Légua			
Vitória		Ubiratã	Zé Moreno					Cabocla Jussara (Mata)
Cidnéia Maria	Princesa Indirá	Caboclo da Ilha	Rita de Cássia					Caboclo Sete Cachoei-ras (Mata)
Jandira	Menina do Caidô	Mariano			Aderaldo Boji Buá		Tucumã	Caboclo Flecheiro (Mata)
Maria Rosa								
Reinaldo		Guapindaia			Lourenço de Légua e Aleixo Boji Buá		Tananga	
Nelson		Mensageiro de Roma	Corisco		Zé Raimundo e Zeferina de Légua			
Airton	Barão de Guaré	João da Cruz e Herundina		Caboclo Ita				
João Batista				Caboclo Ita				Mestra Luziária (Mestres da Jurema)
Alberto Jorge	Rei Dom Sebastião			João da Mata	Manezinho de Légua e Zulmira de Légua			Boço Carlos Marinheiro
Maria da Glória	Princesa Moça Fina de Otá	João de Leme			Rosinha de Légua	Boço Sanatiel		Boiadeiro e Pedro Marinheiro
Carlos Eduardo								Caboclo Rompe Selva
Miriam	Princesa Barra do Dia	Menino do Morro	Corisco	Petioé	Pequeninho		Zimbaruê	
Lairton		Mariana e Tupinambá			Zé Raimundo Bogi Buá			
Vera Lúcia	Barão de Guajá	Juracema	Maria do Balaio	Senhora Dantã				Cabocla Guaciara (Juremeira)
Cantora		Caboclo Rosário			Manezinho de Légua			Marinheiro
Leonardo	Príncipe Alterado e Barão de	Candeias	Zeferino	Dandarino	Antônio de Légua	Boço do Capim Limão	Marzagão	Caboclo Zuri (Mata) e Mari-

	Anapoli							nheiro Gu- mercindo
Maria Noêmia			João Baiano					
Dinorá								Martim Pescador
Iracy		Guaraci	Severino					
Edilson	D. Carlos e Princesa Linda do Mar	Sentinela		Caboclo do Munir	Mearim e Folha Seca			Dona Jurema (Mata)
Alzenir				Espadinha	Cabocli- nho			
Elizabete	Maria Antônia	Caboclo da Ilha			Maria Rosa			Cabocla Guara-ciara e Marinheiro Paulo
Genival				Araúna				
Elza								Jaciara e Lajinha
Sérgio		Rosário		Pirinã		Jadiel		Rompe Mato
Édison								Girassol e Sultão das Matas
Kátia			Zefa		Joaquin- zinho de Légua	Isaquiel		
Odete			Maria do Balaio		Pedrinho de Légua	Isadiel		Jurema
Antônio Aramízio				Araúna				
José Divino	Barão de Guaré	Tabajara			João de Légua			
Leonel Vicente		Juracema	Silvino		Manezi- nho de Légua			Folha da Manhã e Zé do Barco de Ouro
Deusane Regina				Pirinã	Cristina de Légua			Marinheiro
Maria Aparecida								Marinheiro e Cabocla Jurema
Antônio Bernardino			Baianinho	Vigonomé	Aleixo de Légua			Caboclinho da Mata
Hamilton Anselmo		Ubirajara			Zé Raimundo			Caboclo Flexeiro
Nica	Moça Fina de Otá		Tonhão					Vigia da Mata
Cristiane		Guerreirinh o						
Chica					Margarida de Légua			
Arminda (Leão)					Lázaro			Olho de Cobra
Vitória		Morro de						Tatandaré

		Areia						
Marta			Maria Baiana					Touro Branco
Walkíria								Marinheiro Braum, Pena Verde
Nilson	Princesa Clara	Juracema		Itaguacé	João da Estrada (boiadeiro)			7 Flechas, Boço Cláudio Marinheiro
Augusta			Chica Baiana					
Fábio Neves		Caboclo Nobre		João da Mata	Zé Raimundo			
Lucrécia								
Jean Karlo		Ventania	Chica Baiana					Onça Tigre, Ze Pelintra (jurema)
Damiana (Cícera)			Maria de Angola	Rainha Diana				Mata Virgem, Zezinho Marinheiro
Jorgete			Zé do Chicote		Maria Filó			7 Flechas
Cisleyde	Menino de Ouro	Princesa Barra do Dia, Tuoinambá			Rose Flor			Jacira
Edson				Caçarazinho	Maria José (Dona Florzinha)			
Dirce								Caboclo Jamandí
Sérgio		Seu Cigano	Zé do Coquinho			Boço da Escama Dourada		
Rogério		Seu Sereno	Jorgino					
Alzira Maria			Manoela					D. Jureminha, Marinheiro Borges
Cláudio	Duque Marquês de Pombal				Seu Vaqueiro			

Quadro 5. Iniciados Não-Dançantes e seus Voduns

Iniciado	Ano inici- ação	Cargo sacerdotal (*)	Vodum principal	Vodum adjuntó
1. Pedro	1986	Huntó de Sogbô	Badé	Abê
2. Kelvany	1986	Huntó e axogum da Encantaria	Lepon	Naveorualim
3. Dinho	1987	Alabê de Sogbô	Lissá	Abê
4. Édison	1988	Huntó de Xapanã	Lepon	Sepazim
5. Henrique	1991	Huntó de Eowá	Alogué	Naveorualim
6. Sônia	1991	Vodunsi Poncilê de Eowá	Sogbô	Doçu
7. Zezinho	1991	Alabê	Ogum	Navezuarina
8. Toninho	1991	Alabê	Badé	Sobô
9. Márcio	1991	Alabê (falecido)	Averequete	Sobô
10. José Augusto	1991	Agaiipi	Ogum	Oiá
11. Paulo	1992	Huntó de Naveorualim	Averequete	Navezuarina
12. Regina Célia	1992	Equede de Xapanã (afastada)	Sogbô	Agüê
13. Paulo	1993	Alabê de Sogbô	Lissá	Navezuarina
14. Carlos José	1994	Alabê de Thoya Jarina	Boço Vondereji	Navezuarina
15. Aratan	1995	Agbagigã	Dangbê	Naveorualim
16. Alexsandro	2000	Huntó de Boço Jara	Abê	Naveorualim
17. Jorge Augusto	2000	Agbajigan	Ogum	Abê
18. Karla Cristina	2000	Vodunsi Poncilê de Agüê	Agüê	Naveorualim
19. Edimar	2000	Alabê de Agüê	Vondereji	Naveorualim
20. Cleide	2000	Ekédi de Sogbô	Oxum	Ogum
21. Fábio Adalberto	2001	Alabê de Abê	Poliboji	Naveorualim
22. Gildo	2001	Axogum	Ogum	Abê Kecê
23. Victor	2002	Alabê, Axogum de	Dadá-hô	Sogbô

Eduardo		Sogbô e Olubátá		
24. Leonardo Jr	2003	Agbajigan	Ogum	Abê
25. Fábio José	2003	Huntó de Naveorualim	Agüê	Sogbô
26. Luciano	2003	Huntó de Xadantã	Xadantã	Naveorualim
27. Jorge Adalberto	2004	Babá Egbé Ilê Olodé	Ogum	Naveorualim
28. Cristiane	2004	Vodunsi Poncilê de Xapanã	Dadá-hô	Naê
29. Kátia Maria	2004	Vodunsi Poncilê de Xapanã	Azile	Naveorualim

(*) Cargos: agaipi, sacrificador (jeje); alabê, tocador de tambor (jeje); axogum, sacrificador (nagô); equede (nagô) ou vodunci-poncilê (jeje), mulher que zela pelas entidades em transe; huntó, tocador-chefe (jeje); agbagigã, encarregado dos assentamentos (jeje).

Referências Bibliográficas

- Bastide, Roger. *As religiões africanas no Brasil*, São Paulo, Pioneira, 1971.
- Eduardo, Octavio da Costa, *The Negro in Northern Brazil*. Seattle, University of Washington Press, 1948.
- Ferretti, Mundicarmo Maria Rocha. *Desceu na guma: o caboclo no tambor-de-mina no processo de mudança de um terreiro de São Luís - a Casa de Fanti-Ashanti*. São Luís, Sioge, 1993.
- _____. *Terra de caboclo*. São Luís, Secretaria de Cultura do Maranhão, 1994.
- _____. *Mina, uma religião de origem africana*. São Luís, Sioge, 1985.
- Ferretti, Sérgio Figueiredo. “Voduns da Casa das Minas”, in: Moura, Carlos Eugênio Marcondes de (org.), *Meu sinal está no teu corpo*. São Paulo, Edicon; Edusp, 1989.
- _____, *Repensando o sincretismo: estudo sobre a Casa das Minas*. São Paulo e São Luís, Edusp & Fapema, 1995.
- _____. *Querebentã de Zomadônu: etnografia da Casa das Minas do Maranhão*, 2ª edição (1ª edição: 1985). São Luís, Editora da Universidade Federal do Maranhão, 1996.
- Pereira, Manuel Nunes. *A Casa das Minas: culto dos voduns jeje no Maranhão*, 2ª edição (1ª edição: 1947). Petrópolis, Vozes, 1979.
- Pierucci, Antônio Flávio e Reginaldo Prandi. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo, Hucitec, 1996.
- Prandi, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*. São Paulo, Hucitec e Edusp, 1991.
- _____. *Herdeiras do axé: sociologia das religiões afro-brasileiras*, São Paulo, Hucitec, 1996.
- Santos, Maria do Rosário Carvalho e Manoel dos Santos Neto. *Boboromina: terreiros de São Luís, uma interpretação sócio-cultural*, São Luís, Sioge, 1989.

Nota:

Versão atualizada em janeiro de 2005 do artigo publicado em *Afro-Ásia*, 19/20, pp. 109-133, 1997.